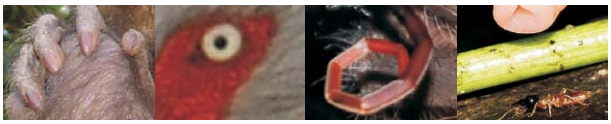
Ano XXXV – Número 105 – Curitiba, junho de 2013 – ISSN 1808-0812

SOCIEDADE BRASILEIRA DE



ZOOLOGIA

EDITORIAL

Escrevo este editorial no clima das grandes manifestações de rua que estão acontecendo em nosso país. Fico pensando quais seriam as grandes reivindicações da Zoologia... Algumas delas podem ser encontradas nesta edição na Carta do Rio, fruto de uma reunião de alguns dos maiores Museus brasileiros responsáveis pela documentação da biodiversidade brasileira. Certamente preferiríamos ver os recursos que foram gastos nas grandes arenas do futebol, investidos na segurança e ampliação de nossas coleções científicas, em grandes museus de história natural para visitação pública, em programas intensivos de formação de zoólogos e em excursões de campo para aumentar o conhecimento da nossa biodiversidade.

Temos motivos de sobra para nos reunirmos ao movimento, mas nos parece que o modo mais eficiente de sermos bem sucedidos é justamente a organização coletiva na forma das Sociedades Científicas já existentes. O papel das Sociedades não está restrito a organizar congressos ou publicar revistas! Atividades sem dúvida de muita visibilidade e importância. As Sociedades têm um papel político, muitas vezes invisível, mas extremamente importante no diálogo com os governantes e responsáveis pelas políticas públicas. E temos sido sim, bastante requisitados pelo poder público para oferecermos opiniões técnicas sobre diversos assuntos. Por outro lado, o número de sócios ativos em todas as sociedades se reduz a cada ano. Ao associar-se, o zoólogo não está comprando um bem imediato. Está fortalecendo um canal de negociação que poderá resultar em benefícios coletivos em médio e longo prazos, na defesa de nosso patrimônio biológico, na manutenção do nosso ponto de vista para a resolução dos problemas da sociedade. Sem representatividade, a SBZ e a demais Sociedades Científicas não têm voz para realizar sua mais importante função. Associe-se!

Uma excelente notícia é o aumento do fator de impacto da Zoologia, agora com 0,658, resultado do esforço coletivo de nossos editores que sempre tiveram como meta publicar uma revista de qualidade e com espaço para a divulgação dos bons trabalhos científicos em todas as áreas da Zoologia.

Ainda nesta edição apresentamos um interessante artigo do grupo de pesquisa do Dr. Fernando Carbayo sobre planárias terrestres e, na sessão Vida de Zoólogo, uma biografia da Dra. Tagea Björnberg, taxonomista de copépodos recém homenageada no 4° Congresso Brasileiro de Biologia Marinha. A Dra Luciane Marinoni apresenta um resumo do workshop "O papel das Coleções Biológicas no Cenário do Protocolo de Nagoia" recém ocorrido em Brasília. Vários estudantes nos enviaram resumos de suas dissertações e teses e incentivamos a todos que encaminhem seus trabalhos para que sejam aqui publicados. Boa leitura!

Rosana Moreira da Rocha
Presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia

NOTÍCIAS

Balancete anual 2012 – demonstrativo das receitas e despesas SBZ

RECEITAS (valores em reais)

Saldo anterior	446.466,68
Anuidades recebidas	61.364,07
Crédito recebido a identificar	520,00
Crédito recebido de pranchas coloridas	360,00
Reembolso de empréstimo ao XXIX CBZ	40.000,00
Reembolso dos correios	622,70
Crédito recebido de taxa de publicação de artigos	780,00
Crédito de saldo do XXIX CBZ	53.769,52
Assinaturas recebidas (pessoa jurídica)	7.098,50
Rendimento mensal aplicação financeira	29.873,67
Total das Receitas	**640.855,14**

DESPESAS (valores em reais)

Despesas com produção	
Produção e publicação revista Zoologia	54.342,00
Revisão de idioma em manuscritos	9.960,00
Publicação de calendários	6.625,00
Publicação do Informativo SBZ	3.080,00
Gerenciamento de sistemas dados e website	5.054,00
Anuidade Assoc. Bras. Editores Cientificos	400,00
Despesas com viagens	
Transporte e alimentação	5.220,00
Diárias/hospedagem e passagens	21.605,95
Despesas de secretaria	
Material de expediente, xerox e cartório	2.911,98
Honorário contábil	4.617,00
Correios (postagens)	12.436,53
Flores XXIX CBZ	200,00
Ressarcimento de anuidade paga a maior	100,00
Fatura telefone	1.034,45
Publicação de edital Gazeta do Povo	1.778,40
Reuniões	377,00
Bancárias	610,09
Total das despesas	**130.352,40**

COMPOSIÇÃO SALDO ATUAL (valores em reais)

Saldo em caixa	0,00
Ajuste de arredondamento	0,82
Saldo conta corrente BB	1.242,95
Saldo aplicação financeira BB	509.258,97
	510.502,74
Total das despesas + saldo atual	**640.855,14**

Aberto o processo eleitoral na SBZ

Está aberto o processo de Eleição para a nova Diretoria da Sociedade Brasileira de Zoologia, biênio 2014-2016 como especificado no Capítulo VII do Estatuto desta Sociedade, transcrito abaixo para facilitar sua consulta. Inscrições de chapas concorrentes serão aceitas até **31 de agosto de 2013**.

Capítulo VII – das eleições

Art. 24 – A eleição processar-se-á através do voto de Sócios pelo correio.

Art. 25 – O registro das chapas concorrentes às eleições deverá ser efetuado até o último dia útil do mês de agosto, imediatamente anterior à realização do Congresso Brasileiro de Zoologia (observada à data de postagem) e, divulgada aos Sócios através do Boletim Informativo até 30 de setembro.

§ 1º – As chapas poderão ser apresentadas: a) pelo Conselho da SBZ por indicação da maioria dos seus membros; b) por um mínimo de 10 (dez) sócios fundadores, efetivos ou honorários, em pleno gozo dos seus direitos.

§ 2º – O pedido de registro de chapa, com indicação dos candidatos conforme os Art. 12 e Art. 19 §1º, e concordância do candidato ao cargo.

§ 3º – Encerrado o registro não serão admitidas alterações nas chapas, salvo incapacidade física definitiva de qualquer um de seus componentes.

§ 4º – As chapas levadas a registro receberão o número de ordem de sua apresentação e por esta forma serão distinguidas umas das outras.

§ 5º – Havendo o registro de uma única chapa, não será necessária eleição, devendo haver homologação dos nomes pela Diretoria, pelo Conselho Consultivo e Assembleia Geral Ordinária.

Art. 26 – As cédulas referentes às chapas registradas serão impressas pela SBZ, em papel branco, trazendo com clareza o nome dos candidatos e os respectivos cargos.

Art. 27 – A Eleição processar-se-á por correspondência, inadmitindo-se o voto por procuração, seguindo os procedimentos: a) a SBZ enviará cédula a todos os Sócios até 30 de outubro, contendo instruções e material necessário ao exercício do voto; b) os Sócios receberão, cédula eleitoral, assinada pelo Presidente da SBZ e um envelope endereçado e selado para resposta, que deverá ser postado até 30 de novembro; c) o Sócio eleitor deverá depositar o envelope resposta em qualquer agência do correio; d) os envelopes serão encaminhados para a caixa postal especial da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

§ 1º – A caixa especial da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos será aberta somente no dia da apuração dos votos.

§ 2º – A Diretoria procederá à apuração no primeiro dia útil após 15 de dezembro.

§ 3º – Serão nulos os votos dados em cédulas que não as impressas pela SBZ, as que contiverem nomes de candidatos não registrados, assim como, as que apresentarem rasuras ou emendas.

§ 4º – Os resultados serão divulgados no Boletim Informativo até o último dia útil do mês de dezembro.

§ 5º – Terminada a apuração, será proclamada eleita a chapa mais votada. A Diretoria e o terço do Conselho eleitos, serão empossados durante a Assembleia Geral Ordinária no Congresso Brasileiro de Zoologia.

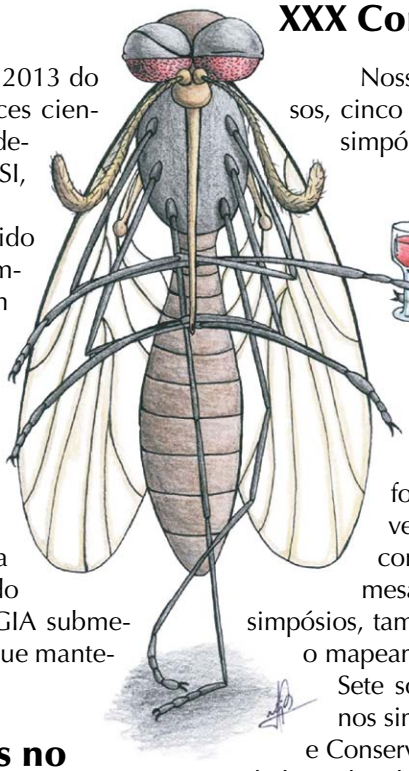
§ 6º – Na eventualidade da não realização do Congresso Brasileiro de Zoologia, convocar-se-á uma Assembleia Geral Extraordinária para dar posse à Diretoria eleita.

Art. 28 – Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e pelo Conselho Consultivo.

ZOOLOGIA 2013: FI = 0,658

Divulgada em 19 de junho p.p. a edição 2013 do Journal Citation Reports (JCR) trazendo os índices cientométricos referentes a 2012 dos periódicos indexados pelo Institute for Scientific Information (ISI, Thomson Reuters).

A cada edição do JCR, ZOOLOGIA tem sido agraciada com crescentes índices de Fator de Impacto (FI). Nesta edição nosso FI foi de 0,658. Um acréscimo modesto em relação ao ano anterior (0,587), mas significativo e que expressa, sem questionarmos ou entrarmos no mérito deste índice, o bom andamento da política editorial de nossa revista. Nesta edição do JCR, entre os 149 periódicos avaliados na Área de Zoologia, ainda não ocupamos a posição desejada. No entanto, entre os periódicos brasileiros da Área de Zoologia ocupamos a segunda posição! Sendo assim, senhores Autores, valorizem a ZOOLOGIA submetendo bons manuscritos para publicação, para que mantenhamos o ciclo virtuoso de melhoria constante.



O papel das Coleções Biológicas no cenário do Protocolo de Nagoia

Durante os dias 9 e 10 de maio passado o Ministério do Meio Ambiente realizou em Brasília o workshop denominado "O papel das Coleções Biológicas no Cenário do Protocolo de Nagoia" realizada dentro dos Diálogos Setoriais/União Europeia-Brasil. O workshop contou com a participação de 21 pesquisadores brasileiros de 22 instituições. O objetivo geral foi promover o diálogo e discutir oportunidades de cooperação, para médio e longo prazo, visando facilitar o intercâmbio de material biológico entre coleções científicas e o acesso aos recursos genéticos a partir de coleções ex situ, no contexto do Protocolo de Nagoia (PN), bem como, incentivar, capacitar e conscientizar sobre suas provisões.

Nos dias 18 a 20 de junho houve um segundo workshop, também organizado pelo MMA em Brasília, com pesquisadores europeus de várias instituições e o objetivo foi dar continuidade às discussões realizadas no evento nacional. Nesse workshop várias recomendações foram feitas principalmente ao melhor andamento das relações entre as coleções brasileiras e europeias no trâmite de material para pesquisa e à adaptação da legislação brasileira relativa ao acesso ao patrimônio genético a partir da implementação do PN. O resultado do evento nacional pode ser acessado no relatório em PDF na página da SBZ e o resultado do evento internacional ainda não está disponível. Assim, que o relatório for apresentado pelo MMA será apresentado aos sócios.

Profa Dra Luciane Marinoni
Departamento de Zoologia, UFPR

XXX Congresso Brasileiro de Zoologia

Nossa programação preliminar inclui 30 minicursos, cinco palestras, nove mesas-redondas e mais de 20 simpósios, além da apresentação de painéis.

Todos os minicursos estão confirmados e terão a participação de professores pesquisadores provenientes de 25 instituições de 12 estados brasileiros, que abordarão assuntos como biogeografia, conservação, bioindicadores, taxonomia, bioacústica, curadoria de coleções, radiotelemetria, dentre outros. As palestras, que serão proferidas pela manhã, contarão com a presença de pesquisadores da University of Liverpool, University of California, Universidad Nacional de La Plata e Universidade de São Paulo, que tratarão de temas como modelagem, evolução e biogeografia. As mesas-redondas, cinco até agora confirmadas, e os simpósios, também trarão assuntos de grande interesse para o mapeamento e conservação da nossa biodiversidade.

Sete sociedades zoológicas marcarão sua presença nos simpósios, promovendo debates sobre "Pesquisa e Conservação de Aves no Brasil", "Mapeando a Diversidade Malacológica Brasileira", "Mamíferos dos Pampas", e outras questões relevantes. Até o início de julho, a página do XXX CBZ estará no ar com mais detalhes!

Carta do Rio de Janeiro

Tendo em vista a iniciativa do MCTI de desenvolvimento do Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr), bem como da necessidade de incorporar neste sistema as bases de dados das principais instituições públicas comprometidas com a produção de conhecimento sobre a biodiversidade do país, os diretores das cinco instituições detentoras de acervos biológicos que assinam este documento, reunidos no Jardim Botânico do Rio de Janeiro no dia 22 de março de 2013, reconhecem a importância do estabelecimento de um sistema de informação desta natureza, que sirva como plataforma integrada e padronizada dos dados biológicos disponíveis no país, direcionada especialmente à elaboração de políticas públicas.

O Brasil apresenta uma das maiores diversidades biológicas no mundo. Com exceção da sua Flora, que conta com uma lista atualizada (Lista de Espécies da Flora do Brasil 2013, em http://floradobrasil.jbrj.gov.br), baseada em material depositado em herbários, o número de espécies brasileiras pertencentes aos demais grupos de organismos, ainda é desconhecido, indicando flagrante desequilíbrio no conhecimento sobre nossa biodiversidade. Além disso, a carência na organização e gerenciamento da informação já produzida sobre a biodiversidade brasileira desde o início do século XX representa sério entrave a qualquer avanço expressivo no âmbito da sua conservação. As limitações existentes quanto ao conhecimento e gerenciamento das informações sobre nossa biodiversidade

sinalizam para a necessidade de dispormos, em acesso aberto, de plataformas interoperáveis que reúnam informações atualizadas, precisas e contextualizadas sobre a biodiversidade do país, com o objetivo de diminuir as lacunas atualmente existentes e permitir a utilização das informações qualificadas pela comunidade científica, bem como, pelos tomadores de decisão.

A integração das diversas bases de dados hoje disponíveis, no entanto, constitui um desafio de grande envergadura, que exige planejamento a curto, médio e longo prazos. Usando como exemplo apenas as cinco instituições signatárias deste documento, relatamos aqui tais desafios, já que estas abrigam mais de 80% da informação acessível sobre a biodiversidade do país, apesar de representarem menos de 20% das instituições detentoras de acervos biológicos.

Neste contexto, acolhemos com muito interesse a iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI) de criação do SiBBr através de recursos oriundos do próprio Governo Federal e do Fundo para o Meio Ambiente (GEF), colocamo-nos à disposição para participar no processo de elaboração e consolidação do sistema, e aproveitamos para apresentar nossas considerações diante do enorme desafio que representa essa iniciativa.

Reiteramos, inicialmente, que as cinco instituições signatárias são guardiãs de acervos animais e vegetais que totalizam aproximadamente 22 milhões de exemplares registrados. Este número representa apenas o material catalogado, cujos espécimes estão devidamente curados e disponíveis para estudo nas coleções e que são enfaticamente consultados por pesquisadores, professores e alunos de graduação e pós-graduação de instituições nacionais e estrangeiras. Dele estão excluídos os exemplares e lotes que carecem de identificação e curadoria adequada, conjunto este estimado entre 10 e 40% do acervo total das instituições, uma lacuna que nos priva de informação crucial sobre nossa biodiversidade.

Entendemos, por isso, que disponibilizar os dados desta parte não curada dos acervos é tarefa essencial, assim como prover infraestrutura e segurança adequadas às coleções científicas.

Essa situação geral foi relatada em carta do Exmo. Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Machado Rezende, datada de 29 de maio de 2010, encaminhada para a Exma. Sra. Ministra do Meio Ambiente, Isabella Teixeira, na ocasião do trágico incêndio que destruiu uma parte significativa das coleções científicas do Instituto Butantan. Nesta carta, o Ministro Sergio Rezende ressaltou "a necessidade de estabelecer, imediatamente, uma política nacional para os acervos biológicos científicos do país, que oriente sua gestão e garanta sua adequação e expansão em espaços com efetiva segurança nas diversas instituições de pesquisa brasileiras, em suas variadas esferas de governança". Nas palavras do Exmo. Ministro, o MCT se "compromete a liderar a criação de um Fundo especial, com a finalidade de possibilitar a implantação do Plano Nacional para as Coleções Científicas".

Não obstante o reconhecimento da situação em nível nacional, até a presente data, tanto o fundo especial de apoio às coleções biológicas quanto o Plano Nacional para as Coleções Científicas não foram implementados.

Consideramos, deste modo, que a ausência de uma fundação sólida, alicerçada no modelo proposto pelos Exmos. Ministros Sergio M. Rezende e Izabella M. Teixeira, pode comprometer a efetiva implantação do SiBBr. O desenvolvimento de um sistema nacional de informação em Biodiversidade depende intimamente de uma gestão colaborativa entre as instituições detentoras de acervos biológicos e os órgãos centrais de governo, que incorpore a missão precípua destas instituições como gestoras e certificadoras da sua própria informação, com mecanismos permanentes de fomento à proteção e manutenção física dos acervos biológicos.

Destarte, identificamos a necessidade de implantação das seguintes ações emergenciais, pré-requisitos essenciais à criação de um ambiente adequado para a implantação, em última instância, do próprio SiBBr:

1. estabelecimento de um Fundo de Apoio às coleções biológicas do Brasil, com a abertura de uma linha de crédito continuada distribuída em faixas específicas com valores condizentes com o tamanho dos acervos;
2. abertura de edital para a instalação emergencial de sistemas de armazenamento e proteção contra incêndio nas instituições detentoras de grandes acervos biológicos;
3. abertura de editais visando a informatização dos dados dos acervos biológicos das instituições nacionais, visando maior segurança e eficiência no armazenamento, manejo, integração e disponibilização dos dados sobre a biodiversidade brasileira;
4. ampliação das contratações de pesquisadores/docentes especialistas em sistemática e taxonomia, e informática aplicada à biodiversidade; e de técnicos nas instituições detentoras de coleções biológicas;
5. promoção de cursos de extensão e pós-graduação na área de informática aplicada à biodiversidade;
6. elaboração e implantação de um Plano Nacional para as Coleções Biológicas do país (este plano deverá ser amplamente discutido na Câmara Permanente de Coleções do CONABio);
7. inclusão de um representante, com direito a voto, de cada uma das instituições signatárias deste documento na Câmara Permanente de Coleções do CONABio;
8. diminuição dos entraves burocráticos ligados à coleta, transporte e estudo para fins científicos dos acervos de biodiversidade do país.

Quanto à participação das instituições, aqui subscritas, como provedoras de dados para o SiBBr, reiteramos nosso interesse e o entendimento de que:

1. é necessária uma melhor definição quanto aos produtos a serem gerados e disponibilizados pelo SiBBr, a partir de discussão e de acordos com as instituições provedoras de dados, o que ainda não está claro em www.sibbr.gov.br ou no próprio projeto GEF;
2. deve-se incluir pelo menos um representante, com direito a voto, das instituições signatárias deste documento no Comitê Gestor do SiBBr;
3. a base de dados deverá ter conteúdo aberto e acesso público, para estudos e análises pela comunidade científica,

exceto em casos específicos, a serem definidos junto a cada instituição, onde filtros poderão ser criados;

4. as instituições devem ser reconhecidas como provedoras de informação científica oficial sobre a biodiversidade brasileira, com os devidos créditos e com monitoramento das métricas de acesso às páginas com dados fornecidos por cada instituição;
5. os sistemas e ferramentas computacionais eventualmente desenvolvidos para o SiBBr devem priorizar soluções baseadas no código livre e aberto;
6. para que o sistema tenha responsabilidade e credibilidade oficial, as iniciativas de Tecnologia da Informação (TI), tais como o estabelecimento de plataforma eletrônica, política e disponibilização dos dados sobre a biodiversidade nacional fornecidos pelas instituições participantes do SiBBr, deve ocorrer unicamente sob a chancela de um domínio governamental (".gov.br");
7. ao participarem do SiBBr, as instituições detentoras de dados sobre a biodiversidade mantêm, a seu critério, a autonomia para disponibilização de seus dados em outras plataformas, portais, ou agregadores, sejam da própria instituição ou externas.

Reiteramos, por fim, nossa disposição ao diálogo visando a efetiva participação na implementação não apenas do SiBBr mas também, e principalmente, de uma política nacional que vislumbre, compreensivamente, as questões relativas às coleções científicas das instituições de ensino e pesquisa brasileiras.

Rio de Janeiro, 22 de março de 2013.

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – MCTI/INPA
Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/MN
Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – USP/MZUSP
Museu Paraense Emílio Goeldi – MCTI/MPEG
Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – MMA/JBRJ

VIDA DE ZOÓLOGO

Tagea Kristina Simon Björnberg

Seu sobrenome é de origem escandinava, por parte de pai. Nasceu em São Vicente-SP (que na época era uma comarca de Santos) em 1925. Apaixonada por livros e estórias infantis, escreveu para Monteiro Lobato para fazer sugestões de novos temas. O personagem Peninha, de um dos livros de Monteiro Lobato, parece ter sido inspirado em uma de suas cartas. E Tagea acabou citada numa das histórias do Sítio do Picapau Amarelo como o personagem Björnberg de Coqueiros!

Ela graduou-se em História Natural pela Universidade de São Paulo em 1948 e obteve o doutorado em Ciências pela USP em 1957, alcançando o título de livre-docente pela mesma instituição em 1968. Atuou na Universidade Federal do Paraná (1951-1954). Realizou estágios de pesquisa na USP e no Instituto de Biologia Marinha do Caribe (em Curaçao), dentre outros, entre as décadas de 1950 e 1960. Docente aposentada da Universidade de São Paulo (desde 1981), continuou em plena atividade no Centro de Biologia Marinha da USP – CEBIMar, em São Sebastião.

Profa Tagea K.S. Björnberg contando um pouco de sua história em apresentação no Cebimar (24 de junho de 2010). Foto: Alvaro E. Migotto, CEBIMar, USP.

Logo após sua graduação, Tagea dedicou-se intensamente à docência em escolas, enquanto também desenvolvia seus estágios e estudos de Zoologia na USP. Ao longo de sua carreira, Tagea estudou diferentes grupos de animais marinhos, como Echinodermata e Ascidiacea, mas seus estudos sobre biologia, taxonomia e biodiversidade de copépodes marinhos se destacam amplamente. Seus estudos sobre copépodes foram iniciados no Instituto Oceanográfico da USP, incentivados pelo Prof. João de Paiva Carvalho (1903-1961). Sua influência no desenvolvimento de pesquisas sobre o zooplâncton marinho no Brasil, em especial copépodes, é marcante. Nos anos 1960 e 1970 ela identificou e descreveu com riqueza de detalhes os estágios de desenvolvimento de 37 espécies de copépodes, utilizando métodos e ferramentas simples, disponíveis na época.

Além de realizar suas atividades de pesquisa e ensino na USP, Tagea também se destacou por seus esforços para ministrar cursos de curta duração em várias partes do Brasil e no exterior, contribuindo muito para a difusão de informações sobre zooplâncton marinho e para a formação de recursos humanos. Tagea orientou 18 estudantes de mestrado e 11 de doutorado, além de ter colaborado com a realização de dezenas de outros estudos acadêmicos desenvolvidos por estudantes no Instituto de Biociências e no Centro de Biologia Marinha da USP. Muitos de seus ex-alunos exercem atualmente liderança em suas instituições de vinculação.

Como exemplo de alguma atividades exercidas, recebeu bolsa da UNESCO para ministrar o "Curzo Avanzado Latino-Americano de Planctologia" em Mar del Plata, Argentina (1965); foi também bolsista da "John Guggenheim Memorial Foundation" para pesquisar copépodes marinhos ao largo da América do Sul (1966-1968) e recebeu bolsa da UNESCO, PNUD e CONICYT (Chile), para ministrar aulas sobre copépodes marinhos no "Curso de Oceanografia Biológica y Taller de Plancton Instrumental, Taxonomia y Experimentación", realizado na Estación de Biologia Marinha de Dichato da Universidade de Concepción, Chile (1985).

Em reconhecimento à sua carreira de sucesso no estudo dos copépodos, Tagea foi pesquisadora homenageada na 7th International Conference on Copepoda, realizada em Curitiba-PR, 1999 e mais recentemente (maio de 2013) foi novamente homenageada pela Associação de Brasileira de Biologia Marinha.

Alguns depoimentos de colegas e ex-estudantes, apresentados durante essa última homenagem mostram o estusiasmo e a alegria com que Tagea encaminhou sua carreira científica voltada aos copépodes.

"O que me traz muita alegria em pensar na Tagea, é relembrar as festas de Natal que passei no Departamento de Zoologia do IB, onde ela era a mamãe Noel, e chegava montada em cima de uma paca enorme, a título de rena, e fazia uma entrada memorável na sala da festa. Ela vinha vestida à caráter e dizia uma porção de coisas engraçadas, entremeadas do "ho, ho, ho!", e todos morríamos de rir. Depois da entrada da Tagea, o Natal realmente começava! Ela é uma educadora cativante e entusiasmada" – Ana Maria Setúbal Pires Vanin, IOUSP.

"Conhecer e conviver um pouco com a querida Profa Tagea, entre 2007 e 2008, foi um dos meus maiores prazeres acadêmicos e pessoais. Apesar do pouco tempo de convívio, foi um rico e emocionante aprendizado. Duas frases clássicas da Profa Tagea que levarei comigo em todas as minhas aulas e cursos sobre o zooplâncton marinho são '(...) para melhor visualização, devemos colocá-lo em decúbito dorsal' e 'Ah, é uma pena! Ele não quer ser eternizado pela Ciência' (quando ocorria algum problema na identificação da espécie)" – Mauro de Melo Júnior, UFRPE.

"Ela deu um show na aula 'nauplii behaviour'! Pena que não filmávamos nessa época. A demonstração dela da natação do náuplio de Eucalanus ficou famosa neste curso. Divertidíssimo, como só a Tagea sabe fazer" – Eneida M.E. Santana, UFOP.

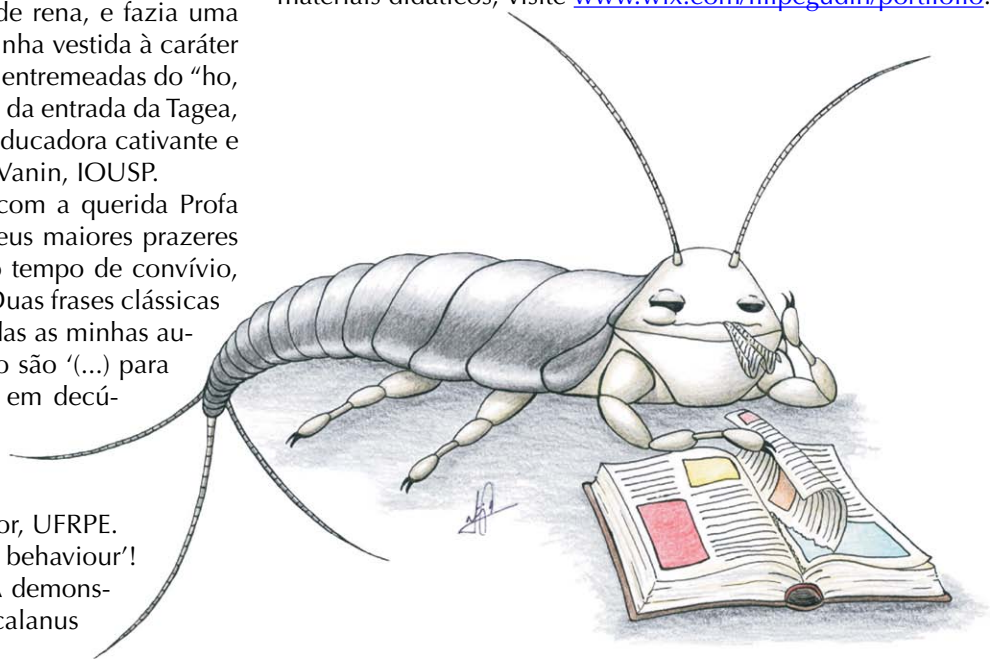
"Conheci a Tagea em disciplina como a maioria de nós. Depois de vários anos, ao vir trabalhar na UFPR, descobri que ela tinha passado um tempo por aqui a convite do Padre Jesus Santiago Moure, pois a Universidade tinha a intenção de montar um laboratório de Biologia Marinha, o que só veio a acontecer muitos anos depois. No período ela descreveu uma espécie de Hemichordata encontrada em Caiobá (litoral do Paraná) e publicou juntamente com o Padre alguns registros de ascídias para a baía de Paranaguá! Até hoje utilizamos as lâminas permanentes dos hemicordados que ficaram aqui no Departamento para aulas práticas" – Rosana Moreira da Rocha, UFPR.

"Felizes aqueles que tiveram e continuam tendo o privilégio de serem orientados por você. Sou grata a Deus pelo período vivido no Instituto Oceanográfico, localizado na Alameda Eduardo Prado, São Paulo. Ali comecei a dar meus primeiros passos no estudo do plâncton. Quando eu estava angustiada com a identificação dos Copepoda corria para pedir-lhe socorro e você, paciente, ensinava-me, acalmava-me e no final dizia-me: 'não há de ser nada, amiga, sobreviveremos'. Você foi e continuará sendo um exemplo para todos nós que mergulhamos neste ambiente encantado do plâncton" – Maryse Paranaguá, UFRPE.

Texto organizado pelo Dr. Sérgio de Oliveira Lourenço – UFF, por ocasião da homenagem prestada à Dra Tagea Björnberg durante o 4° Congresso Brasileiro de Biologia Marinha – maio, 2013

ARTE ZOOLÓGICA

As ilustrações desta edição são de autoria de Filipe Macedo Gudin. Contatos para serviços de ilustração científica, livros e materiais didáticos, visite www.wix.com/filipegudin/portifolio.



ARTIGO

Estudos tradicionais e modernos de planárias terrestres

Celso Barbieri Jr, Yasmin P. de Oliveira & Fernando Carbayo[1]

As planárias terrestres, platielmintes, carecem de cutícula de revestimento que as protegeria contra a desidratação. Esta limitação ecofisiológica dificulta sua sobrevivência em ambientes abertos expostos ao sol. Vivem principalmente nas florestas. Estes ambientes fornecem refúgios sombreados e úmidos. Durante o dia, as planárias costumam refugiar-se embaixo de troncos caídos, galhos e rochas. À noite tornam-se ativas. Minhocas (Fig. 1), caracóis (Fig. 2), opiliões, lesmas e isópodes contam entre suas presas.

Taxonomia. Darwin foi um dos primeiros naturalistas a descrever uma espécie de planária terrestre. À época, meados do século XIX, as descrições, sucintas, tratavam o tamanho, a forma e a cor do corpo. Por estas características são conhecidas até a atualidade ca. 50 espécies de Geoplaninae, grupo exclusivo da região Neotropical e sobre o qual versa este artigo.

Hoje sabemos que estas características são insuficientes para a identificação porque muitas espécies têm aparência semelhante (Fig. 3), e outras apresentam variações na coloração em função da idade (Fig. 2) ou do local de ocorrência (Fig. 4). O problema de identificação apenas pela morfologia externa é ainda mais complexo porque não sabemos o grau de varibilidade intraespecífica da maioria das mais de 200 espécies de Geoplaninae e porque muitas espécies ainda não têm nome científico.

O aparelho copulador e outras estruturas internas costumam ser muito peculiares para cada espécie. Desde fins do século XIX estuda-se, em lâminas histológicas, a morfologia interna das planárias. Isto aumentou muito a confiabilidade das identificações e assim, por exemplo, foram reveladas como diferentes espécies, animais cuja forma e cor são iguais. A incorporação, mais recente, das técnicas moleculares (DNA) em estudos taxonômicos está se revelando muito útil para interpretar as diferenças morfológicas entre organismos como indicativo de variações intraespecíficas ou de espécies distintas.

Filogenia. Hoje são conhecidas mais de 800 espécies de planárias terrestres, das quais aproximadamente 170 do Brasil. As características morfológicas destes organismos, se suficientes para delimitar espécies, não têm sido, até o momento, tão prestativas para uma classificação natural ou para estabelecer hipóteses de relacionamento filogénetico. O principal problema é que as espécies se diferenciam entre si por uma combinação única de características que ocorrem, separadamente, também em outras espécies. Eventos de convergência evolutiva ou de reversão de caracteres são, pressumivelmente, frequentes nestes organismos. Daí a dificuldade para reconhecer características que indiquem parentesco. Uma estratégia eficaz é o uso, novamente, de informação molecular. Num estudo recentemente concluído com colaboradores do Instituto de Biociências da USP e da Universidade de Barcelona, obtivemos árvores filogenéticas a partir de dados moleculares que reúnem as espécies grupos morfologicamente homogêneos. Com esta estratégia está sendo possível testar o monofiletismo dos agrupamentos atuais e propor, para os grupos supraespecíficos, características diagnósticas.

Conservação da biota. Por conta das limitações ecofisiológicas das planárias terrestres para cruzar uma área sem mata, uma linhagem tende a permanecer confinada à região em que seus ancestrais viveram. Os descendentes delas seguem a mesma tendência numa cadeia sem fim. Portanto, quanto maior a diferença genética entre as populações de diferentes áreas, maior o tempo que estas permaneceram separadas. Assim é possível diferenciar as áreas isoladas pela ação antrópica, recentes, das isoladas naturalmente, em geral mais antigas.

Uma das mais importantes causas da extinção das espécies é a fragmentação dos habitats pela ação antrópica. A fragmentação interrompe os processos ecológicos e evolutivos que vinham ocorrendo durante milhares, ou milhões de anos. Os

Figuras 1-3. (1) *Imbira marcusi* comendo uma minhoca; (2) *Obama burmeisteri* adulto e filhote (foto menor, comendo um caramujo); (3) *Choeradoplana banga* (foto) não se distingue externamente de *C. iheringi*, simpátrica.

corredores biológicos, como o Corredor da Serra do Mar, são desenhados com a finalidade de restaurar, mediante a reconexão de fragmentos, as funções que os ecossistemas perderam com a fragmentação. A prioridade deve ser de áreas que compartilham uma história comum mais recente, ou seja, áreas que abrigam linhagens de organismos mais aparentadas entre si que do que com as de outras áreas. As planárias despontam como bom modelo para estudos aplicados de conservação porque, por conta das suas limitações ecofisiológicas, grandes e pequenas mudanças ambientais afetam sua sobrevivência local e podem isolar as populações. E com as técnicas moleculares pode-se datar o momento da fragmentação.

Umas poucas espécies, como *Imbira marcusi* (Fig. 1) e *Cephaloflexa bergi* (Fig. 4) superaram barreiras como rios, vales e montanhas e têm hoje uma ampla distribuição geográfica. Num estudo-piloto, em colaboração com biólogos da Universidade de Barcelona, as genealogias moleculares dos animais coletados em doze fragmentos de mata dos estados de ES, RJ, SP, PR e SC, que abrigam o Corredor da Serra do Mar, sugerem que o mesmo teria sua funcionalidade melhorada e acelerada, priorizando a reconexão de determinados fragmentos de floresta e se o Corredor fosse estendido no seu limite ao sul.

Fig. 4. *Cephaloflexa bergi* apresenta variações locais no padrão de coloração.

Perspectivas. Além dos estudos taxonômicos e filogenéticos e os aplicados à biologia da conservação, é necessário reavivar o estudo da história natural das planárias. Este tipo de estudo ajudaria a entender a função das estruturas internas destes organismos, suas relações com o ambiente, bem como os fatores que modelaram sua atual diversidade e distribuição. Como para outros grupos de organismos, são poucos os taxonomistas disponíveis para descrever espécies desconhecidas, circunstância denominada impedimento taxonômico. Ações de divulgação estão despertando em jovens zoólogos o entusiasmo de dar nome às dúzias de espécies já coletadas e novas para a ciência, mas ainda órfãs de taxonomista.

[1]Sobre os autores:

Celso Barbieri Jr cursa Gestão Ambiental na EACH e tem bolsa de iniciação científica da USP, celso.barbieri@gmail.com

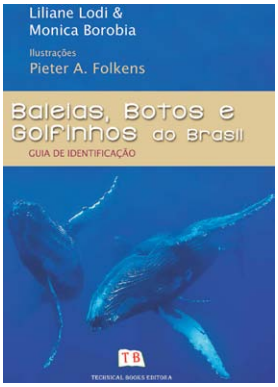
Yasmin Patrícia de Oliveira cursa Licenciatura em Ciências da Natureza na EACH e tem bolsa de treinamento técnico da FAPESP, yasminoliveira.sp@hotmail.com

Fernando Carbayo é professor doutor da Universidade de São Paulo. Trabalha no Laboratório de Ecologia e Evolução da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) – USP, em São Paulo-SP. A taxonomia, filogenia e evolução das planárias terrestres são seus temas de pesquisa, baz@usp.br

DIVULGAÇÃO

Baleias, Botos e Golfinhos do Brasil: Guia de Identificação

Liliane Lodi & Monica Borobia. 2013. **Baleias, Botos e Golfinhos do Brasil: Guia de Identificação.** Rio de Janeiro, Technical Books, ilustrações Pieter A. Folkens, 479p, www.tblivraria.com.br, R$ 130,00.



Este guia de campo sobre os nossos cetáceos é uma valiosa ferramenta de identificação das 44 espécies e um gênero com ocorrência confirmada no Brasil. Descreve com precisão científica, porém com uma linguagem compreensível e concisa para um público heterogêneo: a morfologia externa e padrão de coloração característicos; comportamentos típicos; comprimentos; massas corporais; tamanho de grupo; distribuição geográfica; hábitat e outras informações úteis para a positiva distinção das espécies, incluindo uma chave de identificação abrangente e simples de usar. Aborda, ainda, informações básicas sobre os aspectos da taxonomia, biologia, ecologia, ameaças, conservação, legislação brasileira de proteção aos cetáceos, onde observá-los, listas de bibliografias e web sites interessantes. Esta obra contém 345 fotografias e 48 mapas coloridos, 176 ilustrações e 17 reproduções de selos brasileiros com estampas de cetáceos. Ideal para aqueles que gostariam de conhecer mais sobre estes animais.

CONHECENDO NOSSA *ZOO*DIVERSIDADE

Ameivula venetacauda – PARNA Serra das Confusões, Cristino Castro, PI. Foto: Leonardo Sousa Carvalho

Indivíduo de *Ameivula venetecauda* (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011) foto tirada em dezembro de 2012, no Parque Nacional da Serra das Confusões, no município de Cristino Castro, sul do Piauí, durante uma expedição para coleta de dados pelo Programa de Pesquisas em Biodiversidade do Semiárido – PPBio Semiárido. A região é dominada por manchas de Caatinga arbórea e enclaves úmidos localizados entre formações rochosas, muito comuns na região. No período de amostragem chovia bastante, então os lagartos estavam ativos por apenas algumas poucas horas ao longo dos vários dias que estivemos pela região. Os *A. venetecauda* são observados apenas em regiões de solos arenosos e sem a presença de folhiço no solo, normalmente em simpatria e sintopia com *Ameivula confusioniba* (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011). Indivíduos de ambas espécies foram vistos forrageando ativamente próximos uns aos outros (às vezes a menos de um metro de distância).

Esta foto de um indivíduo de um casal de *Phyllomedusa nordestina* Caramaschi, 2006 em amplexo foi tirada em dezembro de 2012, no Parque Nacional da Serra das Confusões, no município de Cristino Castro, sul do Piauí, durante uma expedição para coleta de dados pelo Programa de Pesquisas em Biodiversidade do Semiárido – PPBio Semiárido. Esta foto foi retirada logo após uma forte chuva que provocou alagamentos em diversos pontos pelo Parque. O casal em amplexo localizava-se a cerca de 1,5 metro do solo, preso em vegetação de hábito epifítico, fixada em uma pequena rocha. Eles foram observados por cerca de 30 minutos, porém nenhuma movimentação fora notada. Nas proximidades deste local, foram ainda observados e/ou ouvidos representantes de outros grupos de anfíbios, tais como *Physalaemus*, *Dendropsophus*, *Leptodactyllus*, *Rhinella* e *Corytomanthis*.

Phyllomedusa nordestina – PARNA Serra das Confusões, Cristino Castro, PI. Foto: Leonardo Sousa Carvalho

Tityus stigmurus – FLONA de Araripe, Trilha do Picoto, Barbalha, CE. Foto: Leonardo Sousa Carvalho

Tityus stigmurus (Thorell, 1876), também chamado popularmente de escorpião-amarelo, possui ampla distribuição pelo Nordeste do Brasil. Esta espécie é reconhecida pela sua importância médico-epidemiológica e há relatos de ocorrência de óbito em seres humanos pela ação de seu veneno. O indivíduo da foto foi registrado na Floresta Nacional de Araripe, na região da Trilha do Picoto, em Barbalha, Ceará, durante uma expedição para coleta de dados pelo PPBio Semiárido. Esta localidade apresentava uma vegetação com características de Cerrado, semelhante a áreas de Cerradão ou Cerrado típico. Os indivíduos foram encontrados sob rochas e troncos caídos, às vezes, havendo mais de um indivíduo sob um mesmo tronco. Esta espécie foi encontrada em grande abundância na região, ocorrendo em simpatria com indivíduos de *Bothriurus* e *Ananteris*.

Leonardo Sousa Carvalho, carvalho@ufpi.edu.br
Universidade Federal do Piauí

ENSINO & PESQUISA

Dissertações e Teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Zoologia

Aspectos evolutivos da biologia reprodutiva de algumas espécies de esponjas calcareas (Calcarea: Porifera)

Autor: Emilio de Lanna Neto

Orientadora: Dra Michelle Klautau

Instituição: Programa de pós-graduação em Zoologia (MNRJ)

Nível: Doutorado.

As esponjas (filo Porifera) são animais aquáticos, sésseis, filtradores e apresentam uma organização corporal muito simples. Esses animais encontram-se na base dos metazoários, mas compartilham com os eumetazoários diversos aspectos da sua reprodução e do seu genoma. Portanto, a posição filogenética em que as esponjas se encontram, tornam-nas alvos muito importantes se quisermos entender como se deu a passagem dos organismos uni- para os animais multicelulares. Atualmente, Porifera está dividido em quatro classes: Demospongiae, Homoscleromorpha, Hexactinellida e Calcarea. A classe Calcarea pode ser considerada um importante grupo para se estudar a evolução das esponjas e dos animais, pois neste grupo encontramos a maior diversidade de sistemas aquíferos (a principal sinapomorfia do filo), além de algumas espécies com alguma simetria e polarização durante a fase adulta, o que é geralmente ausente nas outras classes de Porifera. Neste trabalho, investigamos a biologia reprodutiva de esponjas calcareas com diferentes sistemas aquíferos (*Clathrina* spp. – asconóides, *Paraleucilla magna* – leuconóide e *Sycettusa hastifera* – siconóide), na região de Cabo Frio (RJ), buscando implicações evolutivas e ecológicas. Dentre os vários resultados encontrados, podemos destacar que: a ovogênese de *Clathrina* é um evento raro e não sincronizado. Ovócitos derivam de amebócitos hialinos e não ocorre formação de nenhuma estrutura especial para nutri-los. A condição primitiva do mecanismo de vitelogênese em Calcarea parece ser a via mista, na qual tanto o ovócito quanto células acessórias contribuem para a produção das inclusões vitelínicas. A população estudada de *Sycettusa hastifera* apresenta forte esforço reprodutivo, com ovogênese e embriogênese similares ao observado em *P. magna* e em outras esponjas de sua linhagem evolutiva (subclasse Calcaronea). Essa espécie pode também se reproduzir assexuadamente, pelo menos *in vitro*, o que não ocorreu com as demais espécies estudadas. Finalmente, a formação dos sistemas aquíferos siconóide e leuconóide ocorre por morfogênese epitelial da coanoderme, similar ao que acontece em homoscleromorphas, grupo-irmão de Calcarea. A implicação das estratégias reprodutivas na evolução das espécies estudadas, além da evolução de diferentes caracteres reprodutivos de Calcarea foram consideradas e discutidas ao longo da Tese.

Leitura recomendada:

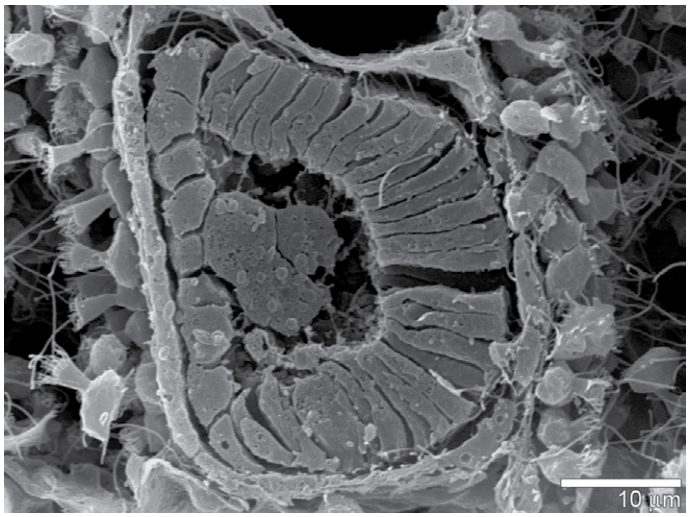
Ereskovsky, A.V. 2010. **The comparative embryology of sponges.** Dordrecht, Springer, 329p.

Lanna, E; L.C. Monteiro & M. Klautau. 2007. Life cycle of *Paraleucilla magna* Klautau, Monteiro and Borojevic, 2004 (Porifera, Calcarea), p. 413-418. M.R. Custódio; G. Lôbo-Hajdu; E. Hajdu & G. Muricy (Eds). *In*: **Porifera Research – Biodiversity, Innovation and Sustainability.** Rio de Janeiro, Museu Nacional, Série Livros.

Lanna, E. & M. Klautau. 2010. Oogenesis and spermatogenesis in *Paraleucilla magna* (Porifera, Calcarea). **Zoomorphology 129**: 249-261.

Lanna, E. & M. Klautau. 2012. Embryogenesis and larval ultrastructure in *Paraleucilla magna* (Calcarea, Calcaronea), with remarks on the epilarvaltrophocyte epithelium ("placental membrane"). **Zoomorphology 131**: 277-292.

Maldonado, M. & A. Riesgo. 2008. Reproduction in Porifera: a synoptic overview. **Treb. Soc. Catalana Biol. 59**: 29-49.



Micrografia de varredura da larva anfiblástula de *Paraleucilla magna* dentro do seu epitélio de trofócitos epilarval.

Revisão taxonômica de *Ateralphus* Restello, Iannuzzi & Marinoni, 2001 (Coleoptera: Cerambycidae: Lamiinae)

Autor: Diego de Santana Souza

Orientadores: Prof. Dr. Renato Contin Marinoni, UFPR (*in memoriam*) e Profa. Dra. Marcela Laura Monné, MNRJ

Co-orientadora: Profa. Dra. Luciane Marinoni, UFPR

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Entomologia (UFPR)

Defesa: Fevereiro de 2013

Nível: Mestrado

Cerambycidae representa uma das maiores famílias de Coleoptera existentes, com estimativas que indicam cerca de 35.000 espécies (Tavakilian & Chevillotte, 2012). Conhecidos popularmente por longicórneos, os cerambicídeos caracterizam-se, principalmente, pelo extraordinário alongamento das antenas, frequentemente tão ou mais longas que o corpo, e pelos

tarsos pseudotetrâmeros. Nove subfamílias são reconhecidas em Cerambycidae: Parandrinae, Prioninae, Lepturinae, Spondylidinae, Necydalinae, Dorcasominae, Apatophyseinae, Cerambycinae e Lamiinae (Bouchard *et al.* 2011). Lamiinae é a subfamília mais numerosa e extremamente diversa na forma e nos padrões do tegumento e sua principal característica é a cabeça hipognata, isto é, peças bucais direcionadas para baixo (Galileo & Martins 2006). *Ateralphus* é um gênero de Lamiinae que, até este estudo, possuía seis espécies conhecidas. O gênero foi proposto por Restello *et al.* (2001) para espécies anteriormente alocadas em *Alphus* White, 1855. Todas as espécies são Sul-Americanas, sendo que três ocorrem na Região Amazônica e três na Região da Mata Atlântica com incursões pelo Cerrado. Neste trabalho foi realizada a revisão taxonômica de *Ateralphus* a partir do exame detalhado das estruturas do exoesqueleto, endoesqueleto e terminálias masculina e feminina da espécie-tipo, *Ateralphus subsellatus* (White, 1855), e de suas espécies. O estudo resultou na redescrição das seis espécies já conhecidas e na descrição de três espécies novas. O gênero passa a ser composto por nove espécies e uma chave para identificação das espécies é fornecida. Através do estudo morfológico detalhado, novas características foram reconhecidas para identificação das espécies e delimitação do gênero e dois agrupamentos de espécies foram reconhecidos dentro do gênero, que podem ser separados com base em características dos lobos oculares superiores e inferiores, forma da gena e padrão de coloração das tíbias. No primeiro grupo foram incluídas as espécies *A. lacteus*, *A variegatus* e *Ateralphus* sp. 1 sp. nov. e no segundo foram incluídas *A. dejeani*, *A. javariensis*, *A. senilis*, *A. subsellatus*, *Ateralphus* sp. 2 sp. nov. e *Ateralphus* sp. 3 sp. nov. Foram confeccionados mapas de distribuição geográfica das espécies e novos registros de distribuição foram obtidos para cinco espécies: *A. dejeani*, *A. lacteus*, *A. senilis*, *A. subsellatus* e *A. variegatus*.

Literatura recomendada:

Bouchard, P.; Y. Bousquet; A.E. Davies.; M.A. Alonso-Zarazaga; J.F. Lawrence; C.H.C. Lyal; A.F. Newton; C.A.M. Reid; M. Schmitt; S.A. Slipinski & A.B.T. Smith. 2011. Family-group names in Coleoptera (Insecta). **Zookeys 88**: 1-972.

Galileo, M.H.M. & U.R. Martins. 2006. **Cerambycidae (Coleoptera, Insecta) do Parque Copesul de Proteção Ambiental, Triunfo, Rio Grande do Sul, Brasil.** Porto Alegre, Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 316p.

Restello, R.M.; L. Iannuzzi & R.C. Marinoni. 2001. Descrição de dois novos gêneros afins a *Alphus* White e duas novas espécies (Cerambycidae, Lamiinae, Acanthoderini). **Revista Brasileira de Entomologia 45** (4): 295-303.

Tavakilian G. & H. Chevillotte. 2012. Titan: base de données internationales sur les Cerambycidae ou Longicornes. Version 3.0 [15/10/2012]. Disponível em: http://lully.snv.jussieu.fr/titan [Acessado em: 21 novembro 2012].

White, A. 1855. **Catalogue of the coleopterous insects in the collection of the British Museum. Longicornia 2.** British Museum, London, 8, p. 175-412.

Ateralphus subsellatus (White, 1855), fêmea. Escala 2 mm.

Taxonomia de *Trichomyia* (Diptera: Psychodidae: Trichomyiinae) na Região Neotropical, com ênfase nas espécies do Brasil

Autora: Maíra Xavier Araújo

Orientador: Prof. Dr. Freddy Ruben Bravo Quijano

Instituição: Programa de Pós Graduação em Zoologia (UEFS)

Nível: Mestrado

Financiamento CAPES

A diversidade de insetos presente no território nacional é estimada em aproximadamente 91 mil espécies. As moscas e mosquitos são insetos bastante difundidos e fazem parte de um grande e diverso grupo chamado de Diptera. Entre os mosquitos existem espécimes diminutos e de difícil visualização, como alguns Psychodidae. Nessa família estão incluídas tanto as conhecidas mosquinhas de banheiro como mosquitos transmissores de algumas doenças como a Leishmaniose. Bem menores que essas espécies mais conhecidas estão indivíduos do gênero *Trichomyia* Haliday in Curtis, 1839, que possuem uma grande variação morfológica e são importantes decompositores de matéria orgânica. Até o momento, 137 espécies são conhecidas para o gênero, o qual é cosmopolita, ocorrendo em todas as regiões do mundo. Para a região Neotropical são conhecidas 68 espécies, muitas das quais ocorrem no Brasil. Durante os últimos dois anos foram realizadas coletas e análises de material depositado em várias instituições do Brasil e proveniente de alguns biomas do país, como Mata Amazônica, Mata Atlântica e Semiárido. Foi feita uma revisão do subgênero *Septemtrichomyia* Bravo, 1999, com a proposição de dois novos subgêneros para *Trichomyia* e descritas 51 novas espécies para a região Neotropical, sendo a maioria do Brasil e da região Amazônica. Com o presente trabalho, 188 espécies neotropicais passaram a ser conhecidas, ou seja, houve um aumento de 30% e, assim, a região Neotropical passou a apresentar uma riqueza maior que toda aquela presente

nas demais regiões biogeográficas do planeta. De acordo com estes resultados e levando-se em consideração que o Brasil possui ainda uma grande área não amostrada, pode-se inferir que a diversidade desse grupo é muito maior e muitas novas espécies ainda deverão aparecer.

Cabeça de *Trichomyia* sp. nov., uma das 51 novas espécies registradas para o Brasil.

Taxonomia de *Alepia* e *Platyplastinx* (Diptera: Psychodidae) com ênfase nas espécies do Brasil

Autora: Priscila Silva Lopes
Orientador: Prof. Dr. Freddy Ruben Bravo Quijano
Instituição: Programa de Pós Graduação em Zoologia (UEFS)
Defesa: janeiro de 2013
Nível: Mestrado
Financiamento: CAPES

Alepia Enderlein, 1937 é um gênero de moscas que possui distribuição apenas na região Neotropical e até o presente momento são conhecidas 52 espécies, 20 destas para o Brasil. No Brasil há registros na região Amazônica, Mata Atlântica e Caatinga do semi-árido baiano, entretanto nada se conhece para outras áreas como o Cerrado. Considerado um gênero de difícil taxonomia devido à complexa estrutura da genitália do macho, já foi confundido com outros gêneros de Psychodidae. Atualmente é considerado mais intimamente relacionado à *Platyplastinx* Enderlein, 1937. Na tentativa de solucionar parte desta problemática, o presente trabalho redescreve *Alepia* e propõe uma nova diagnose para Platyplastinx. Examinou-se 122 exemplares machos de *Alepia* e oito de *Platyplastinx*, além do material tipo de algumas espécies de *Alepia* depositadas na Coleção Entomológica Prof. Johann Becker do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (MZFS), bem como fotos de material tipo proveniente de museus internacionais. Exemplares fêmeas não foram examinados devido à dificuldade na associação com o macho da mesma espécie. Os espécimes foram tratados com KOH 10%, desidratados, e montados em lâminas permanentes sob bálsamo do Canadá, e suas estruturas fotografadas, ilustradas e caracterizadas. Todo o material será depositado no MZFS e na Coleção de Invertebrados do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Vinte e seis novas espécies de *Alepia* e quatro de *Platyplastinx* são descritas. *Platyplastinx obscura* comb. nov. é proposta. São criados dois subgêneros para *Alepia* (*Xus* subgen. n., *Yus* subgen. n.) e comentários taxonômicos são tecidos para cinco espécies do gênero (*A. alcobregma* Quate, 1999; *A. amputonis* Quate & Brown, 2004; *A. distincta* Bravo, Lago & Castro, 2004; *A. eburna* Rapp, 1945 e *A. symmetrica* Wagner & Hribar, 2004). *Alepia maculipennis* Bravo, Lago & Castro, 2004 é redescrita e são dados três novos registros de *Alepia* para o Brasil, e novos registros para alguns estados brasileiros. Também são fornecidos catálogos para as espécies de *Alepia* e *Platyplastinx*, bem como chaves de identificação para os machos desses gêneros. Com este trabalho, o número de espécies conhecidas de *Alepia* é elevado de 52 para 78, e o de *Platyplastinx* de oito para 13.

EXPEDIENTE

Boletim Informativo. Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Zoologia | Publicação Trimestral | ISSN 1808-0812
Editores desta edição: Rosana M. da Rocha e Sionei R. Bonatto
Design e composição: Sionei R. Bonatto
Tiragem: 700 exemplares
Boletim online: a versão eletrônica deste Boletim está disponível em www.sbzoologia.org.br.
Créditos: As fotos da primeira página deste boletim são de autoria de: Carlos Daniel Perez, Cesar Rodrigo dos Santos, Edna Sueli Pontalti, Gleomar Fabiano Maschio e Willianilson Pessoa.

Sociedade Brasileira de Zoologia
CNPJ 28.254.225/0001-93
Universidade Federal do Paraná, Departamento de Zoologia
Caixa Postal 19020, 81531-980 Curitiba, PR
E-mail: sbz@sbzoologia.org.br
Web: www.sbzoologia.org.br